

As questões da área de Ciências Humanas dos Exames de Qualificação do Vestibular UERJ versam sobre conteúdos dos componentes curriculares de História e Geografia. Buscam abordar temáticas transdisciplinares em diálogo, por vezes, com outras áreas do conhecimento e, no caso da História, de forma particular, com as Linguagens, como será apresentado neste artigo. Há, nessa escolha, um motivo, qual seja, valorizar a dimensão histórica de todas e quaisquer ações humanas no mundo, na perspectiva de ressaltar a pluralidade dos sujeitos e suas identidades e pensar os afastamentos e conexões entre passado, presente e futuro. Por um ângulo complementar, essa escolha inaugura possibilidades diversas de relacionar e problematizar hábitos culturais, comportamentos sociais, projetos e ideologias políticas, relações de trabalho e práticas econômicas sob o enfoque de questionar fronteiras e classificações estanques acerca do que é entendido como economia, política, cultura e sociedade.

Pensar a História por meio dessas escolhas – e fazer delas um caminho para ensiná-la e aprendê-la – tem sido preocupação de professores e historiadores empenhados na busca de trazer para análise e para o debate crítico temáticas em consonância com a renovação e postulação dos compromissos quanto à promoção de educação integral por direitos, inclusiva e democrática. Afinal, quem ensina e pesquisa no campo vasto da História o faz à luz de enfoques previamente selecionados, assumindo assim não só uma autoria, mas também uma posição ética. Entende-se, nesses termos, que tratar de temas como, por exemplo, as relações étnico-raciais nas suas múltiplas dimensões, e priorizar sujeitos até então subalternizados nas suas presenças – e muitas ausências – nas páginas de certa historiografia é contar histórias e falar das ações de homens e mulheres um tanto esquecidos e silenciados.

Neste artigo, para materializar um pouco do que está implicado na elaboração de uma questão de vestibular a partir de determinado assunto e abordagem, busca-se situar reflexões sobre o Pantera Negra, personagem-tema da questão de número 58, da Primeira Fase do Exame de Qualificação do Vestibular Estadual 2019.

Há muito, literatos criam belas histórias, entusiasmando leitores e leitoras em diversos países e regiões. Nos séculos XVIII e XIX, proliferaram personagens que ganharam vida pela pena de seus criadores, invadindo casas, conquistando corações e mentes, provocando sentimentos e reações nos que consumiram avidamente textos nos quais se narravam aventuras, casos de amor e ódio, tramas policiais, mistérios aterrorizantes, viagens no tempo e aos mais distantes lugares imaginados. Vejamos algumas delas. Robinson Crusóé, Sherlock Holmes, Frankenstein, Doutor Jekyll e Sr. Hyde, Madame Bovary, Capitão Nemo, Conde de Monte Cristo, entre outros, nasceram por meio de romances, em papel e letras, e seguiram em frente nas muitas edições e traduções de suas obras de origem – *The Life and Strange Surprising Adventures of Robinson Crusoe* (em português, As aventuras de Robison Crusóé), de Daniel Defoe, em 1719; o detetive Sherlock Holmes no *A Study in Scarlet* (em português, Um estudo em vermelho), de Arthur Conan Doyle, em 1886-87; *Frankenstein: or the Modern Prometheus* (em português, Frankenstein), de Mary Shelley, em 1831; *The Strange Case of Doctor Jekyll and Mr Hyde* (em português, O médico e o monstro), de Robert Louis Stevenson, em 1886; *Madame Bovary*, de Gustave Flaubert, em 1857; Capitão Nemo em *Vingt Mille Lieues Sous Le Mers* (em português, Vinte mil léguas submarinas), de Julio Verne, em 1870; *Le Comte de Monte-Cristo* (em português, O Conde de Monte Cristo), de Alexandre Dumas e Auguste Maquet, em 1844-1846.

As vidas longevas das personagens mencionadas dependeram dos que leram e consumiram suas histórias como referência, inspiração ou gosto pelo fascinante mundo da ficção. Esse mundo particular, na sua variedade de gêneros, adquiriu, nos séculos XX e XXI, contornos mais amplos, e até mesmo inimagináveis por seus autores oitocentistas mais ousados, em termos de suas transformações e possibilidades tecnológicas. Produtos do mundo da ficção imiscuíram-se assim, e ainda mais, nos hábitos de diversão e de entretenimento de sociedades urbanas e industriais, especialmente, configurando o que alguns designaram como indústria cultural. No campo amplificado dos meios e formas de diversão, passaram a conviver, com relativa harmonia, a palavra impressa, sonoridades das ondas de rádio, imagens em movimento nas telas de cinema e da televisão, e mais recentemente todos eles misturados e disponibilizados em produtos pela *world wide web* (www).

Por meio das conexões internauticas e de aparelhos individualizados de recepção e de comunicação, com destaque hoje para os *smartphones*, consumidores os mais variados ouvem músicas, leem jornais e livros, jogam games, assistem a filmes e seriados, manifestam-se nas redes sociais. Mesmo para autores do século XIX que projetaram futuros impensáveis até então, caso eles voltassem a viver em nosso tempo presente, seria muito difícil não se surpreender e abismar-se com tantas mudanças em curto intervalo de duração.

Esse conjunto de transformações nos hábitos de consumo e da produção cultural da diversão e do entretenimento refere-se fundamentalmente àquelas sociedades afetadas pelo que se convencionou chamar de revoluções industriais e tecnológicas, processos complexos de alteração das relações de trabalho e econômicas, singulares nas suas manifestações em cada região e país, nas temporalidades específicas da modernidade, entre finais do século XVIII e a atualidade. Em uma avaliação como a da área de Ciências Humanas do Exame de Qualificação do Vestibular Estadual, temática dessa natureza rende boas questões, como pode ser verificado nas provas dos últimos dez anos.

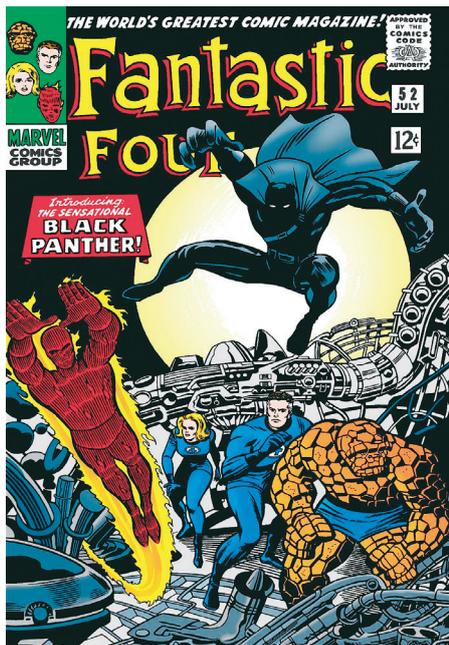
Neste artigo, elegemos o Pantera Negra, na questão mencionada, na medida em que por meio de produtos da indústria cultural – um personagem, a capa de revista de história em quadrinhos e o cartaz do longa metragem – algumas reflexões de caráter histórico e sociológico vieram a ser propostas.

As histórias em quadrinhos (HQs) tornaram-se, no decorrer do século XX, um espaço à parte para a criação de personagens as quais, de formas diferenciadas, ganharam vida para além das páginas das HQs. Presentes em revistas e jornais, por vezes em uma seção particular na forma de tirinhas, as HQs adquiriram foro próprio no mercado editorial em função de preços acessíveis, aspecto estimulador do sucesso e do consumo em larga escala. Fenômeno não restrito aos E.U.A., naquele país, certamente, assumiu dimensões referenciadoras desse tipo de criação cultural para outras sociedades.

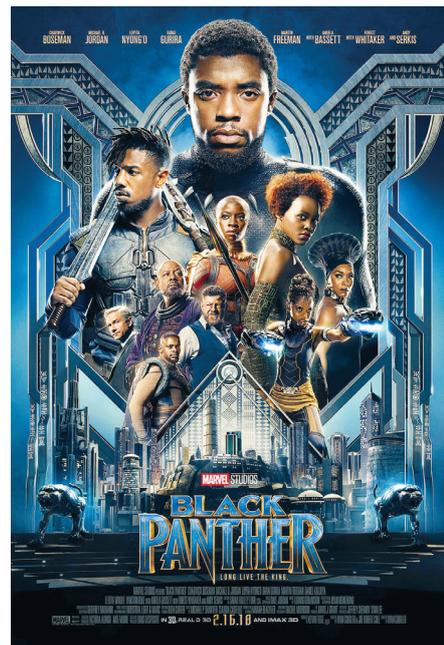
Destinadas ao público infanto-juvenil, na junção particular de imagem e texto, as HQs conquistaram adultos, instituindo mesclas interessantes entre problemas sociais e políticos e sua ficcionalização, de teor crítico ou não, na forma por exemplo, de super-heróis. Super-Homem, Homem-Aranha, Capitão América, Mulher Maravilha, Quarteto Fantástico, Pantera Negra e tantos outros migraram das HQs para as telas de cinema, nos últimos vinte anos. Abaixo, apresentamos a Questão 58, do Exame de Qualificação do Vestibular Estadual 2019:

Questão  
58

### O PERSONAGEM “PANTERA NEGRA”



Em 1966, surge nos quadrinhos, junto ao “Quarteto Fantástico”.



Em 2018, é o herói em filme de ficção científica.

[huffpostbrasil.com/pt.wikipedia.org](http://huffpostbrasil.com/pt.wikipedia.org)

Com mais de cinquenta anos de existência, o personagem “Pantera Negra” esteve associado a debates sobre as condições de vida de populações afrodescendentes na sociedade norte-americana. Tendo em vista as transformações ocorridas entre a década de 1960 e o momento atual, a comparação entre as imagens aponta para a seguinte mudança acerca do protagonismo afrodescendente:

- (A) equiparação do poder aquisitivo
- (B) fortalecimento da inclusão social
- (C) reconhecimento dos direitos civis
- (D) homogeneização das diferenças raciais

Como mencionado no gabarito comentado da questão, nas décadas de 1950 e 1960, expandiram-se movimentos sociais e políticos cuja tônica esteve associada à crítica do racismo e da segregação racial em diversas sociedades. As lutas pela descolonização na Ásia e, principalmente na África, puseram em xeque práticas instauradas por colonizadores europeus assentadas em pressupostos etnocêntricos no trato com grupos e sociedades que vieram a ser alvo de ações de conquista, controle e submissão.

Nesse contexto, ampliaram-se os debates e as ações orquestradas no sentido de valorizar as identidades de povos africanos e de afrodescendentes, e também combater diretamente políticas segregacionistas como, por exemplo, o regime de *Apartheid*, na África do Sul. Em sociedades americanas, essas ações ecoaram por meio de denúncias sobre as formas variadas de racismo e de discriminação, em bandeiras levantadas pelas reivindicações dos movimentos negros, ou em defesa da valorização da negritude no âmbito da música, do vestuário e da estética.

No caso particular dos E.U.A., nas décadas de 1950 e 1960, houve movimentos significativos em prol da conquista e da expansão dos direitos civis das populações negras e afrodescendentes, com destaque para o combate às leis de segregação racial vigentes em vários estados do sul do país. Entre ações de natureza pacifista, como as lideradas pelo pastor Martin Luther King, e outras de viés mais aguerrido, como a dos Panteras Negras, assistiu-se à construção de pauta política que afetou toda a sociedade norte-americana. Entende-se, assim, o surgimento do personagem Pantera Negra, no HQ do Quarteto Fantástico em 1966. Daquele momento ao filme lançado em 2018, o Pantera Negra se manteve presente entre os personagens divulgados pela indústria de entretenimento, mas não necessariamente com os mesmos atributos e características. Se ninguém é o mesmo entre a infância e a maturidade, a máxima pode caber na vida de super-heróis, guardadas as devidas proporções.

O nome Pantera Negra remete tanto a um animal quanto a uma cor. Em sociedades racializadas e marcadas por estigmas e preconceitos raciais, qualificar como branco ou negro indica um atributo estético e também lugares sociais de maior ou menor prestígio e reconhecimento. O Pantera Negra criado em 1966 poderia ter sido o Pantera Amarela e vale arriscar que essa escolha talvez não viesse a ter eco entre os leitores das histórias do Quarteto Fantástico, grupo composto por heróis, tendo sido humanos nas suas histórias pretéritas, todos brancos, adquirindo por acidente super poderes inusitados. Na capa do número em que o Pantera Negra fez sua estreia, a cor negra se destaca tanto quanto uma indumentária que parece querer enfatizar a animalidade ágil do felino predador. O Pantera Negra salta na imagem de fundo, entra em cena na capa que deveria suscitar a curiosidade dos leitores de rotina e quiçá conquistar novos leitores intrigados com a aparição daquela negra criatura, animal e homem, simultaneamente.

Entre as possíveis conjecturas dos criadores e editores figurava, muito provavelmente, a percepção de que a ebulição pela qual passava a sociedade norte-americana, nos enfrentamentos da luta pelos direitos civis de negros e afrodescendentes, teria, ou permitiria, ilações com o salto, sabe-se lá se surpreendente ou ameaçador, do Pantera Negra sobre os defensores da América, à moda do Quarteto Fantástico.

O Pantera Negra da produção cinematográfica de 2018, enorme sucesso de bilheteria por onde veio a ser exibido, não era mais exatamente o mesmo de 1966, e o cartaz de propaganda do filme reiterava essa mensagem. Belo e atrativo, o cartaz apresenta o Pantera Negra com rosto negro, sem máscara negra, a olhar de frente quem viesse a apreciá-lo. A personagem principal aparece no plano superior entre outras personagens, igualmente a olhar de frente, homens e mulheres negras dominando a cena em que personagens brancas, em menor número, passaram a ser coadjuvantes.

Não por mero impacto dos cuidados estéticos e técnicos do filme – roteiro, cenários, indumentária, efeitos especiais, trilha sonora, boas interpretações dos atores e atrizes, muitas aliás – o Pantera Negra, versão 2018, indica o quanto o protagonismo dos cidadãos negros nos E.U.A veio a ser afetado pelo reconhecimento e ampliação dos direitos civis de negros e afrodescendentes.

O Pantera Negra, na capa do HQ de 1966, homem animal em salto, era um pouco a expressão de uma sociedade que, não fazia muitos anos, mais precisamente em 1955, possuía leis segregacionistas possibilitadoras da criminalização de Rosa Parker, ao ter ela ousado se sentar em banco reservado para brancos em ônibus no Alabama; prisão que rendeu atos de protestos nos anos seguintes, projetando a liderança do pastor Martin Luther King. O Pantera Negra de 2018, super-herói negro a lutar com outros negros e negras, é a expressão de uma sociedade que mudou em resposta às lutas de Rosa Parker, Martin Luther King, Malcolm X, Angela Davis e de tantos outros e outras ativistas, visando a garantir direitos e denunciar, a cada dia, todos os dias, o racismo nas suas mais variadas manifestações e permanências, lançando bases para novas pautas, na atualidade, como a dos protestos que popularizaram o alerta *Black lives matter*.

O leitor deste artigo deve estar indagando se precisava ter lido a HQ ou assistido ao filme para responder a questão sobre o personagem Pantera Negra. Não necessariamente, diria, apesar de ambos valerem uma boa diversão. Para responder a questão precisava sim saber um pouco das histórias sobre a luta pelos direitos civis nos E.U.A na contemporaneidade, e, principalmente, interpretar com olhos atentos as imagens disponibilizadas, além de estar ligado nos conflitos étnico-raciais de nosso tempo presente. Afinal a história está no mundo, tanto quanto a literatura, e ambas, cada uma à sua maneira, permitem deleitar e instruir.

### Referências bibliográficas:

FANON, Frantz. *Pele negra, máscaras brancas*. Salvador: Editora da UFBA, 2008.

FRONZA, Marcelo. **As narrativas históricas gráficas como expressão da aprendizagem histórica de jovens estudantes do ensino médio: perspectivas da educação histórica**. In: Revista História Hoje, vol. 4, n. 8, 2015, p. 81-103. Disponível em: <https://rhhj.anpuh.org/RHHJ/article/view/188/143>.

GUIMARÃES, Antônio Sergio Alfredo. **Combatendo o racismo: Brasil, África do Sul e Estados Unidos**. In: *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, vol. 14, n. 39, fevereiro 1999, p. 103-117. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/%0D/rbcsoc/v14n39/1724.pdf>

KUMAR, Krishan. *Da Sociedade Pós Industrial à Pós Moderna*. Novas teorias sobre o mundo contemporâneo. 2ª Ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2006.

### SOBRE A AUTORA

Marcia de Almeida Gonçalves, Prof<sup>a</sup> Associada; Instituto de Filosofia e Ciências Humanas/UERJ.